



Conversa

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

“Tudo mudou, e isso mostra a necessidade de o PPG-AU se autoavaliar, se autocriticar e se reinventar”

Conversa com:

José Carlos Huapaya Espinoza

Coordenador do PPG-AU/FAUFBA (2023-2024)
Universidade Federal da Bahia

O encontro dos Cadernos PPG-AU/FAUFBA com José Carlos Huapaya Espinoza ocorreu presencialmente, em 20 de agosto de 2024, na FAUFBA. Gravado, foi transcrito por inteligência artificial e revisado por outro aplicativo de IA, pelo editor Leo Name e pelo próprio Huapaya.

Na conversa, o pesquisador contou que sua decisão de seguir por uma carreira acadêmica, no Brasil, aconteceu no último ano de sua graduação em Arquitetura, Urbanismo e Artes, pela Universidade Nacional de Engenharia, em Lima, no Peru, e por influência de um professor: Wiley Ludeña. O mestrado foi iniciado em 2004 e o doutorado concluído em 2012, ambos no PPG-AU/FAUFBA, o programa que viria a coordenar, anos depois, entre 2023 e 2024. Sua dissertação focou no Centro Histórico de Salvador, usando a teoria dos “não lugares” de Marc Augé, enquanto a tese tratou do ideário moderno na Arquitetura e no Urbanismo do Peru, centrando-se na figura de Fernando Belaúnde Terry, um arquiteto que também foi presidente do país.

Dessa época, quando era estudante de pós-graduação, ele enfatizou a importância das discussões, tão intensas quanto diversas, e elogiou a orientação fundamental que recebeu do professor Marco Aurélio Andrade de Filgueiras Gomes. Além disso, destacou as aulas das professoras Elyana Barbosa e Esterzilda Berenstein, que conjugavam perspectivas filosóficas e arquitetônicas, tanto quanto das professoras Ana Fernandes e Paola Berenstein Jacques, sobre Urbanismo Contemporâneo. Ao longo dos últimos anos, vem percebendo, contudo, muitas mudanças no PPG-AU/FAUFBA. Destaca, nisso, a renovação de docentes e de debates, voltados a dimensões étnico-raciais e decoloniais, a imagens e arquivos, e à relação entre pós-graduação e extensão, para ele oportunizando possibilidades de reflexão e reinvenção.

Especificamente sobre sua gestão, comentou que, mesmo tendo sido breve, enfrentou não apenas os desafios de bolsas cada vez mais escassas, mas também a reorganização das orientações no período pós-pandemia. Durante sua Coordenação, além disso, o PPG-AU/FAUFBA completou 40 anos, em 2023, com um seminário que revelou diferentes caminhos futuros. Destacou, por fim, que o LAB20, grupo de pesquisa que lidera, tem fortalecido a cooperação internacional com instituições e intelectuais da América Latina, com ênfase em temas contemporâneos e na história das cidades latino-americanas — em alguma medida confrontando o “brasilcentrismo”, tão presente no campo de Arquitetura e Urbanismo em nosso país.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Vamos começar destrinchando sua trajetória... Você é peruano e se graduou em Arquitetura, Urbanismo e Artes pela Universidade Nacional de Engenharia, em Lima, no Peru, entre 1997 e 2003. Logo depois, em 2004, começou seus estudos de pós-graduação no PPG-AU/FAUFBA, no Brasil, concluindo o doutorado em 2012. O que te trouxe ao Brasil?

José Carlos Huapaya Espinoza: Bom, talvez meu último ano da graduação, no Peru, tenha sido importante para eu definir o que faria depois de me formar. Na época, eu estava envolvido em algumas pesquisas com um professor, Wiley Ludeña, que ainda é meu amigo, trabalhamos juntos até hoje, com pesquisas em comum. Ele me perguntou o que eu iria fazer após me formar. Eu sabia que não gostava muito de projetos de arquitetura e que tinha muito mais interesse pela pesquisa. Comentei isso com ele e, no Peru, naquele momento, fazer pós-graduação era muito difícil porque só havia um curso na minha universidade, que é pública, um mestrado. Não havia doutorado e, até hoje, eu não sei se existe doutorado em Arquitetura no Peru. Esse curso de pós-graduação, um mestrado, era pago. Então, as pessoas normalmente trabalhavam para juntar dinheiro e poder pagar o mestrado. E falando de vinte anos atrás, no Peru, um mestrado não tinha nenhum valor ou reconhecimento fora da Academia. Aí comentei isso com esse professor, e ele disse: “Bem, tem esse problema financeiro para pagar o mestrado, mas tem a possibilidade de você sair do Peru para fazer pós-graduação”.

Na época, claro, a primeira coisa que pensei foi em ir para a Espanha, por causa do idioma, só que a concorrência era enorme! E eu tinha começado a estudar português, sem muita pretensão, simplesmente porque gostei do idioma. Ele me chamou atenção: “Se você sabe português, por que não vai para o Brasil?” Ele já tinha alguns contatos, naquele momento, com algumas pessoas do Rio de Janeiro. Foi aí que surgiu a possibilidade de vir para cá. Lembro que fui à embaixada brasileira, no Peru, para me informar sobre bolsas, o sistema, e como fazer a pós-graduação aqui. Naquele tempo, havia um programa que não sei se existe ainda, que era o PEC-PG,¹ um programa de bolsas da Capes dirigido para alunos da América Latina e da África, se não me engano. Aí, claro, havia todo um processo de seleção, e parte da documentação que eu tinha que entregar incluía uma carta de aceite da instituição onde eu pretendia estudar. Como a

¹ Nota dos Editores (N.E.) — O Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), criado em 1981 e ainda vigente, oferece bolsas para alunas e alunos de países com os quais o Brasil possui acordo de cooperação cultural ou educacional, visando à formação em cursos de pós-graduação *strictu sensu* em Instituições de Ensino Superior brasileiras. Os beneficiados concorrem a vagas em IES recomendadas pela Capes, sem custos de matrícula, recebem bolsa mensal equivalente à dos estudantes brasileiros, com duração máxima de 24 meses para mestrados e 48 meses para doutorados, e o financiamento para retornar ao país de origem ao término do curso. A lista de nações participantes contempla 29 países da África, 28 da América Latina e Caribe, 10 da Ásia e 7 da Europa.

gente sabe, ter essas cartas de programas com nota 5 ou acima dava uma chance maior de ser aceito pela Capes, que avaliava as propostas.

Na época, entrei em contato com três universidades: a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UFBA, aqui em Salvador, e a Universidade de Brasília. Brasília nunca me respondeu, até hoje; se passaram 20 anos e nunca responderam ao meu e-mail. O Rio de Janeiro me respondeu dizendo que eles não poderiam fornecer essa carta, que eu teria que ir lá e fazer uma seleção presencial. Para mim, naquele momento, sair do Peru e pagar passagem para uma coisa ainda incerta era muito difícil, então não tinha essa possibilidade. E, aqui, na Bahia, disseram: "Manda o projeto, a gente avalia e te manda a carta". Então, o processo foi muito mais próximo, acolhedor.

Acho que foi a Odete [Dourado] que avaliou o projeto que eu apresentei na época, e também apresentei na embaixada, lá, no Peru. E ganhei a bolsa, vim para cá através da bolsa. Eu não conhecia a Bahia, nunca tinha ouvido falar em Salvador. O que chegava, pelo menos para mim, era Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. O samba e mesmo a música axé chegavam através do Rio de Janeiro, não vinham diretamente daqui. Então, cheguei na cidade, de fato, sem conhecer nada.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: E que diferenças você pode elencar entre a formação que você recebeu no Peru e a formação em arquitetura e urbanismo no Brasil?

José Carlos Huapaya Espinoza: Posso falar, no máximo, sobre a minha experiência específica do mestrado. Praticamente todas as referências que eu encontrei nas primeiras quatro disciplinas em que me matriculei, no primeiro semestre, eram completamente novas para mim. Eu lembro de uma que foi supermarcante, que é Milton Santos. Eu nunca tinha ouvido falar de Milton Santos antes de vir para cá. No Peru, temos muito mais ligação com a Argentina, a Espanha, e menos com o Brasil. O interessante é que Milton Santos aparecia em praticamente todas as disciplinas. Era um autor que você *tinha que ter lido, né?* Para me aproximar do pensamento dele, tive que ler o livro sobre o Centro Histórico de Salvador (SANTOS, 2008a). Todo mundo falava que esse livro tinha que ser lido, além de alguns outros sobre geografia urbana também, como *Metamorfoses do Espaço Habitado* ou *O Espaço Dividido* (Id., 2008b; 2014), que estavam sendo republicados. E eu via que esses textos eram muito usados aqui. Então, acho que esse foi o maior desafio: entender que existiam autores brasileiros e baianos que eram referenciais nas disciplinas. Apareciam em tudo, nas disciplinas de história, teoria urbana, enfim, em todas.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: E vivendo em Salvador há duas décadas, que diferenças e semelhanças você já pode dizer que existem entre a cidade de Lima e a cidade de Salvador e, mais amplamente, entre as cidades peruanas e brasileiras?

José Carlos Huapaya Espinoza: Eu acho que uma das coisas que me chamou a atenção ao vir para o Brasil, para o mestrado, é que foi a primeira vez que conheci o país, e fiz isso através da Bahia, especificamente Salvador. As cidades peruanas são muito segregadas. É muito fácil, por exemplo, fazer um raio-X da pessoa perguntando em que bairro ela mora. Se eu falo que moro em Miraflores, é classe média, média alta, alta; se eu falo que moro em Villa El Salvador, é um bairro economicamente vulnerável, enfim... E aqui, pelo menos em Salvador, como em grande parte das cidades brasileiras, por mais que você tenha bairros onde você sabe mais ou menos qual é o perfil econômico, é muito misturado, de fato, uma característica muito marcante. Além disso, a questão topográfica é muito diferente entre Salvador e Lima. Lima é praticamente plana, enquanto Salvador tem uma geografia muito acidentada. Isso faz com que a relação com o espaço urbano e a paisagem seja completamente diferente. Claro, sem contar a questão do clima e a própria cultura.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você destacou diferenças. E as semelhanças?

José Carlos Huapaya Espinoza: Eu acho que as problemáticas são praticamente as mesmas, né? Problemas dos próprios processos de urbanização, problemas de infraestrutura, problemas de violência, que se repetem em quase todas as cidades da América Latina; claro, com níveis diferentes.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Sua dissertação de mestrado se chama *Lugares e Não Lugares no Núcleo Histórico de Salvador*, que foi defendida em 2007, e sua tese de doutorado, de 2012, e que tem como título *Fernando Belaúnde Terry e o ideário moderno na arquitetura e no urbanismo no Peru entre 1936 e 1968*, foram feitas no PPG-AU/FAUFBA. Pode contar um pouquinho sobre cada uma delas?

José Carlos Huapaya Espinoza: Para a bolsa do PEC-PG, precisava fazer um projeto de pesquisa e, então, ele foi elaborado com o professor Wiley Ludeña, como comentei. Ele achava interessante, naquele momento, fazer um estudo comparativo do que estava acontecendo no Centro Histórico de Lima e no Centro Histórico de Salvador, no contexto dos anos 90 e 2000, utilizando a teoria dos "não lugares", do Marc Augé (2004), que eu havia estudado em uma disciplina de graduação com ele. Ele sugeriu que seria interessante aplicar essa teoria nesses dois contextos, então elaborei o projeto com a

intenção de realizar esse estudo comparativo. Só que, quando cheguei aqui em Salvador, e peguei uma disciplina com a professora Esterzilda [Berenstein de Azevedo], sobre introdução ao projeto de pesquisa, ela disse: "Corta esse estudo comparativo, porque você não vai dar conta". A gente tem essa inexperiência na pesquisa, achando que vai dar tudo certo, mas na realidade, não vai. Então, tive que optar por uma cidade, e escolhi Salvador, claro, já que ia estar aqui por dois anos e seria mais interessante conhecer uma cidade diferente de Lima, que eu já "conhecia" bastante. O recorte ficou em Salvador, e isso foi interessante porque me permitiu, de fato, conhecer o Centro com um olhar diferente; não só o olhar do turista, mas um olhar mais crítico sobre tudo o que estava acontecendo, a partir das reformas que tinham começado nas décadas de 80 e 90.

No caso da tese, ela foi resultado de dois fatores: a aproximação com as pesquisas que eu estava desenvolvendo com o professor Marco Aurélio [Andrade de Filgueiras Gomes], nas disciplinas e nas atividades de participação em pesquisa, durante o doutorado, e também porque chegou um momento em que comecei a me autocriticar. Eu percebi que, embora pensasse que conhecia bastante sobre Lima e o Peru, na verdade eu não conhecia tanto quanto imaginava. Retomar uma pesquisa sobre o Peru, estando aqui, me permitiu rever, reconhecer e me reaproximar do meu país de origem. Não só pelo tema, mas também pelos contatos com os pesquisadores e outras pessoas de lá, com quem, no período do mestrado, eu havia me distanciado um pouco devido à falta de tempo. E claro, naquele momento, estou falando de 2004, não existia WhatsApp, e os contatos eram muito mais difíceis, então retomar a pesquisa sobre o Peru foi também uma forma de reatar esses laços com os pesquisadores de lá e repensar o Peru a partir de uma figura-chave, que era o Belaúnde.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Quem é ele?

José Carlos Huapaya Espinoza: Fernando Belaúnde Terry foi um arquiteto formado, na verdade, nos Estados Unidos, em 1935, e migrou para o Peru, ou melhor, voltou ao Peru em 1936. Ele desempenhou um papel superimportante na divulgação do movimento moderno, na arquitetura moderna no Peru. Uma característica interessante dele é que foi presidente do Peru por duas vezes, na década de 1960 e na década de 1980. E isso, claro, teve um papel crucial e central. Como presidente, ele facilitou a circulação de outros profissionais para o Peru e criou a primeira revista especializada em arquitetura, que teve circulação por 40 anos. Então, pesquisei um pouco sobre esses aspectos.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você fez mestrado e doutorado e hoje é professor do PPG-AU. Além disso, você citou a Esterzilda e o Marco Aurélio, e também mencionou o Milton

Santos como uma referência bibliográfica. Então, olhando para trás, nessa posição de professor que também foi aluno do programa, que outros professores você destacaria como importantes para essas duas pesquisas, as de mestrado e doutorado?

José Carlos Huapaya Espinoza: Eu não sei se posso mencionar outro professor que tenha sido tão marcante quanto o Marco Aurélio. Acho que ele, de fato, é a grande referência que tenho, alguém que influenciou toda a minha visão e me direcionou para as coisas que estou fazendo agora. Mas tive outros professores, tanto no mestrado quanto no doutorado, que também foram cruciais. Por exemplo, me lembro da disciplina de Introdução ao Projeto de Pesquisa, que era ministrada por uma professora chamada Elyana Barbosa, ela era filósofa, e pela professora Esterzilda, o que tornava o espaço de discussão superinteressante. Essa disciplina trazia uma perspectiva filosófica e arquitetônica, o que para mim era uma novidade, porque no Peru todos os meus professores eram arquitetos. Outra disciplina que marcou o primeiro semestre foi Urbanismo Contemporâneo, ministrada pelas professoras Ana Fernandes e Paola Berenstein [Jacques]. Para mim, isso abriu o mundo de maneira extraordinária, porque elas tinham essa característica de sempre discutir temas realmente contemporâneos, que às vezes nem tínhamos muita familiaridade. Lembro que, nas primeiras aulas, elas falaram que todos os textos para discussão estavam na xerox. Quando fomos pegar, eram dois volumes imensos, com textos em espanhol, inglês, português e francês. Tínhamos que nos virar para ler tudo. Isso era fascinante, porque mostrava como elas estavam realmente antenadas ao que estava acontecendo no mundo, e como as discussões que traziam eram muito atuais para aquele momento.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Desse bolo de textos, você lembra de autores e autoras em especial?

José Carlos Huapaya Espinoza: Ah, era de tudo, né? Tinha de Aldo Rossi ao próprio Milton Santos! Não lembro de todos os textos, mas lembro que as aulas eram uma discussão intensa. Naquela época, se discutia muito sobre os condomínios fechados, a partir de autores como Oflia Arantes (1998) e Mike Davis (2000), por exemplo, porque naquele momento esses tipos de projetos começaram a se tornar mais frequentes em Salvador... Estavam se desenhando na região da Avenida Paralela. Lembro de uma outra aula em que discutimos um livro do Michael Sorkin (2004) sobre a “disneyficação” das cidades. Discutimos bastante sobre essas “novas formas” de morar, naquela época. A discussão sobre o Pelourinho também estava em alta, já começava a se debater as consequências e a forma como o projeto foi pensado.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: E de lá para cá, na sua visão, antes como aluno, agora como professor, o que mudou no PPG-AU/FAUFBA?

José Carlos Huapaya Espinoza: Muita coisa! Uma diferença que percebo claramente é no perfil dos alunos. Quando cheguei aqui, eu havia acabado de me formar, em 2003, e em 2004, após 6 a 8 meses, comecei o mestrado. Mas me lembro que a minha turma tinha uns 15 alunos, dos quais uns 10 já eram profissionais com cerca de 10 anos de experiência, muitos com seus próprios escritórios, atuando de forma autônoma. Os jovens eram poucos. Hoje, essa realidade se inverteu; vemos muito mais jovens no doutorado e no mestrado, com vontade de estudar. Não sei se isso é bom ou ruim: talvez pensando na maturidade dos alunos, isso possa impactar o ensino e as discussões. Outra mudança está na conformação do corpo docente. O PPG-AU de 20 anos atrás é completamente diferente de hoje. A presença de professores mais jovens e com temáticas diversificadas permite discussões muito mais amplas. Lembro que, 20 anos atrás, o foco era em modernismo, patrimônio e alguma outra coisa, e pronto. Hoje, temos uma diversidade de pesquisas e temas, o que é possibilitado por essa renovação no corpo docente, não só no PPG-AU, mas também na FAUFBA de forma mais ampla. Minha experiência como representante do doutorado, desde 2008, também me permitiu participar das discussões do colegiado e perceber essas mudanças. Antigamente, havia grupos de professores muito mais fechados, hoje as discussões são mais diluídas, não tão organizadas em blocos ou grupos de docentes.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Por falar em grupos de pesquisa, você coordena o Lab20,² que é o Laboratório de Arquitetura e Urbanismo do Século 20. Como, quando e por que ele foi criado? Qual diálogo vocês têm promovido com uma ou mais áreas de concentração ou linhas de pesquisa do PPG-AU?

José Carlos Huapaya Espinoza: Bom, o Lab20 foi criado em novembro 2017. Eu tinha acabado de virar docente permanente na FAUFBA. Ele surgiu de uma demanda concreta: precisávamos agrupar alguns professores que estavam um pouco dispersos. E esses professores estavam, em sua maioria, vinculados ao Docomomo, na época eram as professoras Juliana Nery, Ana Carolina [Bierrenbach] e Ana Beatriz [Airosa Galvão]. Mas o Docomomo não é um grupo de pesquisa, e sim uma organização. Precisávamos criar

² N.E. — O Laboratório de Arquitetura e Urbanismo do Século XX (Lab20) foca em história, historiografia, teoria, documentação e intervenção na arquitetura moderna. Entre suas principais pesquisas estão: o inventário do patrimônio arquitetônico e urbano de Salvador; a história do Docomomo Brasil e o PPGAU/UFBA; o Guia da Arquitetura Moderna de Salvador; o banco de dados de modelos tridimensionais da arquitetura moderna; a pesquisa sobre arquitetas e urbanistas na América do Sul (1929-1960); e estudos sobre a arquitetura da UFBA, incluindo a obra de Diógenes Rebouças. O grupo é associado ao Docomomo Brasil e Docomomo Bahia.

um grupo de pesquisa oficial. Eu era o que tinha mais produção naquele momento e, por isso, tinha o perfil para solicitar a criação do grupo de pesquisa. Então, fiz o pedido, que foi aprovado, e o grupo foi criado.

A partir dali, pude consolidar oficialmente algumas propostas de parcerias com outros grupos de pesquisa e universidades. A primeira ação que tivemos foi a oficialização do convênio entre a UFBA e a [Pontifícia] Universidade Católica do Peru, especificamente entre a FAUFBA e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Católica do Peru, para o convênio dos “Diálogos Metropolitanos Lima-Salvador”,³ que está vigente até hoje. Já realizamos quatro encontros com resultados de pesquisas em parceria, onde os pesquisadores, tanto daqui quanto de lá, trabalham em temas de interesse mútuo, cada um contribuindo com sua expertise. Essa foi a primeira oportunidade de aproximar essas relações e articulações com outros países da América Latina. Desde o ano passado, o Lab20 também tem uma parceria com o apoio do CNPq em uma pesquisa que articula pesquisadores da Argentina, do Chile, da Colômbia e do Brasil. Essa pesquisa, que se chama “Pensar e Fazer Cidade na América Latina”,⁴ busca entender e discutir questões contemporâneas nas cidades latino-americanas.

Minha trajetória no Lab20 sempre esteve voltada para a articulação com o resto da América Latina, que sempre foi um tema que me interessou. Isso vem tanto das pesquisas que iniciei com o Marco Aurélio quanto da minha experiência como professor. Quando entrei na FAUFBA, fui responsável pela disciplina de História 2, que abrange o modernismo. Foi interessante para mim porque foi a primeira vez que tive a possibilidade de criar todo o conteúdo programático da disciplina, a partir de uma pesquisa que fiz em várias faculdades de arquitetura do Brasil, para entender o que estava sendo abordado. Ao analisar as referências utilizadas, percebi que eram basicamente brasileiras, norte-americanas e europeias. Quase ninguém falava em autores latino-americanos. Então, decidi trazer esses autores e experiências latino-americanas para a sala de aula. Desde então, sempre tenho módulos específicos sobre a América Latina, onde trago

³ N.E. — Em 2021, foi lançado a coletânea *Territorios, Ciudades y Arquitecturas Sur-Sur*, organizada por Wiley Ludeña e José Carlos Huapaya Espinoza, com textos em espanhol ou português de pesquisadoras e pesquisadores envolvidos com o projeto.

⁴ N.E. — O projeto resultou no Encontro Internacional Pensar e Fazer Cidade na América Latina, entre 11 e 14 de março de 2024, tendo suas atividades na FAUFBA, além de uma mesa-redonda na Universidade do Estado da Bahia. Organizado pelo Lab20, dele participaram os pesquisadores Armando Arteaga (Colômbia), Guillermo Jajmovich (Argentina) e Horacio Torrent (Chile).

autores latino-americanos para discussão. Isso também se reflete nas pesquisas que realizo e nos projetos de cooperação que estabeleço com outros profissionais de outros países.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Já que você falou nisso, o quanto você acha que a pesquisa em arquitetura e urbanismo no Brasil avançou na consideração do restante da América Latina? Ou tudo continua muito “brasileiro”?

José Carlos Huapaya Espinoza: Eu acho que tem avançado, mas ainda de forma muito sutil, talvez. Eu participo de um grupo de pesquisa chamado CACAL [Cultura, Arquitetura e Cidade na América Latina], que é da USP. Somos um grupo que congrega pesquisadores que tentam trazer essa dimensão da América Latina, geralmente com um recorte e tema específicos: planejamento urbano e desenvolvimento urbano. Fora isso, vejo, por exemplo, que as questões sobre a decolonialidade demonstram uma possibilidade real de contribuição importante para essa discussão de forma mais ampla. No entanto, do ponto de vista da história, como tentar recontar a história trazendo a América Latina e os países hispano-americanos é um desafio muito grande. Acho que isso também se deve ao fato de que grande parte da bibliografia que usamos sobre a América Hispânica ainda não está traduzida. Não consigo conceber que livros tão importantes como o de Ramón Gutiérrez (1996), ou alguns do Roberto Segre (1987), ainda não tenham sido traduzidos. Isso cria uma dificuldade real para se aproximar desse pensamento.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você foi Vice-coordenador na gestão do professor Fábio Velame, entre 2022 e 2023, e depois, tendo como Vice o professor Rodrigo Baeta, assume uma coordenação que termina em 2024. Sobre essas duas gestões, pesaram várias questões importantes: o retorno das atividades presenciais, após dois anos de pandemia, em 2022, a mudança da nota do programa na Capes, que subiu de 4 para a atual nota 6, e a transição de um governo que deliberadamente atacava o ensino público superior em diferentes instâncias para outro, que foi uma esperança de mudança, mas que, mesmo assim, levou a categoria docente a entrar em greve em 2024. Você pode comentar sobre esses e outros desafios, e essas e outras mudanças nesse curto espaço de tempo?

José Carlos Huapaya Espinoza: Eu acho que, em relação ao tempo em que fui Vice-coordenador, não tenho muita coisa a dizer porque estava fazendo pós-doutorado, no Peru. Mas posso falar a partir do momento em que assumi a coordenação, em março de 2023. Foi um desafio muito grande, primeiro pela própria mudança de fato, ao assu-

mir esse papel. É uma responsabilidade imensa, porque surgem todas as questões burocráticas, o conhecimento de como a universidade funciona, como funcionam as agências, o que foi bastante difícil. A gente sabe, infelizmente, que isso é algo que se aprende no dia a dia, porque ninguém te explica como deve ser feito.

Falando especificamente sobre as questões que percebi logo no início, uma delas foi a mudança no perfil dos alunos. O corpo discente, como já disse, é completamente diferente daquele da minha época e ele demanda coisas urgentes. Todo o processo da pandemia e do governo Bolsonaro, acho, criou uma dificuldade econômica, afetando os alunos que se candidatam e passam no processo de seleção. Isso se reflete em uma necessidade real de bolsas. Talvez o primeiro grande desafio que tive que enfrentar foi como conseguir bolsas... Quando eu fiz mestrado e doutorado, as bolsas sobravam; os professores conseguiam articular quem podia receber. Agora, de fato, temos um número significativo de alunos que demandam uma bolsa, cujo valor, a gente sabe, é irrisório, mas para eles faz diferença. Como a maioria vem de fora, eles precisam se manter, ou às vezes estão em situação socioeconômica vulnerável. Como gerir isso, nesse processo, e fazer com que os alunos entendam que as bolsas são limitadas e que gostaríamos de ter mais? É difícil. Por outro lado, minha gestão começou com a nota 6, o que nos deu uma flexibilidade econômica e uma possibilidade melhor em relação à gestão dos recursos. Conseguimos fazer muitas coisas que antes não podíamos, como apoiar alunos para viagens, apoiar professores, publicações, organização de eventos, que foi uma questão importante, marcando essa possibilidade de acesso direto aos recursos do PROEX.⁵

Um problema que enfrentamos foi o processo relacionado à COVID, que afetou muitos alunos. Isso levou a um excesso de orientações para os docentes.⁶ Tivemos que, eu e Rodrigo Baeta, na época, tentar fazer um levantamento e um acompanhamento dos alunos para identificar quem estava ativo, porque alguns já haviam abandonado o curso, mas ainda contavam nas orientações. Os próprios orientadores não sabiam que os alunos tinham abandonado o curso. Tivemos que reorganizar isso, identificar quem não estava mais frequentando, quem tinha desistido. Em seguida, veio o problema de reorganizar as orientações para equilibrar a situação. Isso é bastante difícil, porque não

⁵ N.E. — Programa de Excelência Acadêmica da Capes, com recursos para programas com nota 6 ou 7.

⁶ N.E. — O Conselho Universitário da UFBA emitiu as Resoluções 04/2020, 03/2021 e 07/2021, à medida que a pandemia de COVID-19 avançava e o ensino remoto persistia. Essas resoluções caracterizaram os semestres letivos de 2020, 2021 e o primeiro de 2022 como atípicos, excluindo-os do tempo máximo de integralização dos cursos. Na prática, estudantes de doutorado, mestrado, especialização ou graduação com matrícula vigente em 2020 ganharam dois anos e meio a mais para concluir seus estudos. Cf. https://ppgq.ufba.br/sites/ppgq.ufba.br/files/bootstrap/reunir_merged.pdf.

depende apenas de uma questão matemática de redistribuição de alunos entre professores, mas também envolve afinidade com o aluno ou aluna, afinidade com a temática, entre outros fatores. É um desafio constante, porque cada turma que entra é diferente, com temáticas diferentes, e isso é algo que a coordenação sempre enfrentará. Outro desafio, que já mencionei no início, é a diversidade de professores no corpo docente, cada um pensando de forma diferente. Isso também se torna um desafio no sentido de tentar encontrar um ponto comum nas discussões, porque é muito difícil agradar a todos ou chegar a um consenso que agrade a todos. Temos que encontrar um ponto de equilíbrio para que as coisas funcionem, senão é difícil.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Durante sua gestão, também houve um MINTER⁷ com a Bolívia. Isso foi um processo com muitas coisas interessantes, mas também com alguns desafios. Você poderia comentar?

José Carlos Huapaya Espinoza: Na verdade, minha participação foi um pouco mais tangencial, porque na época já havia uma comissão específica, liderada pelo professor Márcio [Cotrim], junto com a professora Naia Alban e o professor Nivaldo [Vieira de Andrade Junior]. Como eu já estava envolvido na coordenação, eles acabaram assumindo a maior parte do trabalho com o Minter, as questões eram desenvolvidas muito mais por eles do que pela coordenação em si. Acho que foi uma experiência interessante, apesar dos problemas que enfrentamos, problemas que, às vezes, não dependem do lado brasileiro, mas das circunstâncias particulares que a Bolívia está atravessando. Mas, em termos gerais, o Minter foi uma experiência importante. Os outros coordenadores da área veem essa experiência como uma primeira possibilidade real de estabelecer relações com a América Latina. Somos o primeiro programa de pós-graduação a ter um Minter internacional com esse país. Se considerarmos o contexto da Bolívia, um país talvez “periférico”, onde a formação dos professores é muito mais difícil e extrema, isso torna essa experiência ainda mais relevante. Mas, claro, os desafios continuam a surgir, como ocorreu com o DINTER em Goiás,⁸ do qual participei desde a criação da proposta e, até hoje, ainda estou como coordenador. São problemáticas diferentes, mas que estamos enfrentando o tempo todo.

⁷ N.E. — Em 2022, foi assinado, entre o PPG-AU/FAUFBA e a Faculdade de Arquitetura e Ciências do Habitat da Universidade Mayor de San Simon, em Cochabamba, um acordo de cooperação para a execução de um Mestrado Interinstitucional (MINTER), com vistas à formação de docentes da instituição boliviana.

⁸ N.E. — Em 2019, ocorreu a seleção de docentes para o Doutorado Interinstitucional (DINTER) celebrado entre o PPG-AU/FAUFBA e a Universidade Federal de Goiás (UFG), em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade (PPG-PC/UFG), objetivando a formação de docentes integrantes do quadro efetivo da UFG, especialmente aqueles vinculados aos cursos de Arquitetura e Urbanismo das unidades de Goiânia e de Goiás.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Sua gestão coincidiu também com os 40 anos do PPG-AU/FAUFBA, completados em 2023. Houve um seminário⁹ tanto para comemorar quanto para autoavaliar o programa. Quais impressões você tirou do evento, e que diagnóstico você e o seu Vice, Rodrigo, conseguiram fazer dos 40 anos?

José Carlos Huapaya Espinoza: Eu acho que foi uma experiência interessante, importante, porque, de fato, o seminário conseguiu mostrar os professores que estão interessados na coletividade. Percebi muitos professores participando. Ver professores que realmente se esforçaram para estar presentes mostra, de fato, o interesse em estar próximos às discussões e em entender o que o PPG-AU se tornou após 40 anos. No entanto, houve outros professores que não apareceram, o que revela que o PPG-AU está sendo impulsionado por alguns professores mais envolvidos com a causa coletiva, enquanto outros parecem pensar de forma mais “solitária”, digamos...

Algumas outras coisas ficaram claras para mim. Primeiro, que ainda há professores que tentam manter a lógica atual do PPG-AU, com uma possível abertura, mas não de forma tão radical, talvez com uma visão progressiva desse processo. E há também professores que realmente buscam romper com a lógica estabelecida, possibilitando, de fato, uma abertura para outros caminhos. Isso ficou muito evidente, não só entre os docentes, mas também entre os discentes, que mencionaram essas questões em vários momentos.

Na minha fala final, no seminário, destaquei justamente isso: o PPG-AU de 20 anos atrás, que eu experimentei, e o de 40 anos atrás, quando foi criado, não é o mesmo de hoje. As questões são completamente diferentes, os interesses do corpo discente são completamente diferentes. Tudo mudou, e isso mostra a necessidade de o PPG-AU se autoavaliar, se autocriticar e se reinventar em relação às necessidades atuais. Esse é um grande desafio. Por exemplo, a próxima gestão vai ter que enfrentar como realizar esse processo de transição, que é necessário. Mas como chegar a esse processo? Como alcançar esse momento de revisão? Acho que esse é um desafio que não é apenas interno, mas que também precisa estar atrelado ao desafio nacional. Não basta apenas querer mudar; é preciso também considerar a lógica do que as agências de fomento, como a Capes, o CNPq e a Fapesb, estão pensando em relação a essas mudanças.

⁹ N.E. — O Seminário PPG-AU, em comemoração aos 40 anos do programa, aconteceu entre 30 de outubro e 1º de novembro de 2023, como homenagens, atividades de autoavaliação e debates sobre articulações entre ensino, pesquisa e extensão. Cf. <https://ppgau.ufba.br/programacao-completa-seminario-ppg-au-em-comemoracao-aos-40-anos-do-programa>.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Se existem essas mudanças internas que fazem o programa parecer muito diferente do que era quando você chegou, ao falar com uma candidata ou um candidato à seleção do PPG-AU, o que diria que ele ou ela vai encontrar aqui? Quais são as questões quentes, pelo que você pode ouvir de seus próprios orientandos e do diálogo com os outros professores?

José Carlos Huapaya Espinoza: Eu acho que, neste momento, vejo quatro questões que atraem muito os candidatos ao mestrado e ao doutorado, e isso reflete justamente essa mudança nas temáticas do PPG-AU. A questão da raça, que vem sendo trabalhada pelos professores Fábio [Velame] e Henrique [Cunha Jr.], no EtniCidades,¹⁰ tem se destacado, especialmente na Bahia. Falo isso com base na minha aproximação com outros coordenadores da área, que identificam a Bahia como um polo importante de discussão sobre raça, cidade e arquitetura. Nos últimos dez anos, a Bahia se tornou um centro de atração, e isso se reflete no número de candidatos que trazem essa questão para o mestrado e o doutorado. Acho que ninguém tem dúvidas sobre isso.

Outro tema é o decolonial, que o professor Leo Name também tem trabalhado no ¡DALE!,¹¹ e vejo que está se tornando cada vez mais forte. Muitos alunos associam o PPG-AU a essa abertura. A professora Junia [Mortimer] também trouxe um olhar diferente ao abordar a imagem e os arquivos, e estou vendo muitos candidatos interessados nisso. Acho que o grupo de pesquisa dela, o LEIA,¹² tem se fortalecido nos últimos anos. Um outro tema que vejo se fortalecendo é a relação entre a pós-graduação e a extensão. Talvez seja um tema que ganhe ainda mais evidência nos próximos anos, especialmente na próxima gestão.

¹⁰ N.E. — O grupo EtniCidades: Grupo de Estudos Étnicos e Raciais em Arquitetura e Urbanismo, liderado por Fábio Macêdo Velame e Any Brito Leal Ivo, foi fundado em 2013 a partir de uma Ação Curricular em Comunidade e Sociedade (ACCS) da UFBA, com foco em propostas arquitetônicas para uma comunidade. Busca desenvolver pesquisas e ações de extensão relacionadas a arquiteturas de grupos étnicos, políticas públicas e patrimonialização. Suas atividades estão organizadas em cinco eixos temáticos: Território, Cultura e Etnicidade; Políticas, Conflitos e Segregação Étnico-Racial; Mercantilização e Turismo Étnico; Patrimônio Cultural e Ambiental; e Festividades e Estética.

¹¹ N.E. — Criado em 2016 no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Integração Latino-americana (CAU UNILA) e, desde 2021, sediado na FAUFBA, o grupo Decolonizar a América Latina e seus Espaços (¡DALE!) atua por uma rede nacional e internacional de intelectuais, conectada a um amplo conjunto de literaturas latino-americanas e caribenhas. O grupo questiona os legados coloniais, patriarcais e racistas, com foco na produção de conhecimento, na formação de profissionais e na divulgação científica sobre a decolonialidade, especialmente em arquitetura e urbanismo. É liderado por Leo Name (UFBA) e Tereza Spyer (UFOP).

¹² N.E. — O Laboratório de Estudos de Imagem e Arquitetura (LEIA), liderado por Junia Mortimer, alinha-se às revisões da história da cidade e da arquitetura, influenciado pelos deslocamentos epistemológicos a partir da década de 1970, em diálogo com ciências humanas e artes. Foca especialmente na virada visual dos anos 90 e suas implicações em arquitetura e urbanismo. A imagem é tratada de forma ampliada, como espaço de pensamento, além de objeto de pesquisa, assim como a visualidade e o olhar são entendidos como centrais na análise do urbano e da arquitetura. O grupo também investiga arquivos, principalmente fotográficos, ampliando fontes e formas de narrar a história, combinando historiografia, crítica e experimentação estética.

Claro que ainda existem outros temas relevantes, como a questão do contemporâneo, e cada grupo de pesquisa tem suas particularidades. Mas, dentro desse contexto mais amplo, vejo esses quatro como os mais recorrentes, que atraem mais os candidatos.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: E a última pergunta: o que ou quem você está lendo neste exato momento que indicaria para um pós-graduando em arquitetura e urbanismo?

José Carlos Huapaya Espinoza: Ramón Gutiérrez (op. cit.) e Roberto Segre (op. cit.). Esses são livros que considero essenciais, fundamentais para entender essa aproximação com a América Latina, algo que ainda não conseguimos alcançar plenamente. Estou lendo e recomendo ler livros do professor Adrián Gorelik (2005; 2022) sobre a cidade latino-americana. Inclusive, fui eu que traduzi para o português o último livro dele, *La Ciudad Latinoamericana: Una Figura de la Imaginación Social del Siglo XX* (2022), que será lançado em novembro de 2024, pela EDUFBA e o PPG-AU. Além disso, estou lendo textos da Anahi Ballent (2005; 2008), da Argentina, que, junto com o Adrián Gorelik, tem trazido uma discussão abrangente sobre redes profissionais, cultura, urbanismo e planejamento urbano. Então, estou me dedicando a reler esses textos para ver como posso incorporá-los nas discussões em sala de aula, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

Referências

- ARANTES, Otilia. **Urbanismo em fim de linha**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 2004.
- BALLENT, Anahí. Kilómetro Cero: la construcción del universo simbólico del camino en la Argentina de los años treinta. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, n. 27, p. 107-136, 2005.
- BALLENT, Anahí. Ingeniería y Estado: la Red Nacional de Caminos y las Obras Públicas en la Argentina, 1930-1943. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 827-847, 2008.
- DAVIS, Mike **Magical urbanism**. London/New York: Verso, 2000.
- GORELIK, Adrián. **La ciudad latinoamericana**: una figura de la imaginación social del siglo XX. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2022.
- GUTIÉRREZ, Ramón (org.). **Arquitectura latinoamericana en el siglo XX**. Madrid: Lunwerg Editores, 1996
- HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos. **Lugares e não-lugares no núcleo histórico de Salvador**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos. **Fernando Belaúnde Terry e o ideário moderno na arquitetura e no urbanismo no Peru entre 1936 e 1968**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.
- LUDEÑA URQUIZO, W.; HUAPAYA ESPINOZA, J. C. **Territorios, Ciudades y Arquitecturas Sur-Sur**. Procesos históricos y desafíos. Diálogos metropolitanos Lima-Bahía. Lima/Salvador: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú/CIAC/PPG-AU-FAUFBA, 2021.
- SANTOS, Milton. **O centro da cidade de Salvador**. Salvador: Edufba, 2008a.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. São Paulo: Edusp, 2008b.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2014.
- SEGRE, Roberto (org.). **América Latina en su arquitectura**. México: Siglo XXI, 1987.
- SORKIN, Michael (org.). **Variaciones sobre un parque temático**. La nueva ciudad americana y el fin del espacio público. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

Recebido em: 20/08/2024.

Aceito em: 20/09/2024

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v13i0.64170

Como citar: HUAPAYA-ESPINOZA, José Carlos. "Tudo mudou, e isso mostra a necessidade de o PPG-AU se autoavaliar, se autocriticar e se reinventar". **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 13, n. 1, p. 12-28, 2024.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL